

O ENTRE-LUGAR REPRESENTADO NA OBRA *CALL ME MARÍA*, DE JUDITH ORTIZ COFER *

Rosiane Pereira Gonçalves Boina
Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO: Ao abordar uma obra literária influenciada pela experiência migratória, objetiva-se evidenciar não somente identidades construídas em trânsito, mas também chamar a atenção para o fato de que durante o processo de (re) construção identitária surge um novo espaço, que na crítica literária recebe denominações como “terceiro espaço” (BHABHA, 1998) e “entre-lugar” (SANTIAGO, 1978, 2000; BHABHA, 1998), motivado pelas diferenças culturais e que serve de estímulo para produções artísticas. Além de argumentar sobre o espaço multicultural que surge a partir do movimento migratório e da adaptação do imigrante ao novo espaço, destaca-se também o resgate de memórias, tema muito recorrente quando se trata da Literatura de Migração. Nesse sentido, a pesquisa, de cunho bibliográfico, tem como embasamento teórico os pressupostos de estudiosos como: Hommi Bhabha, no que diz respeito ao surgimento do terceiro espaço; Ilan Stavans, quando se trata das adaptações feitas na língua pelo próprio imigrante, de forma que comece a se sentir parte deste espaço; Wilhelm Dilthey e Luis Fernando Beneduzi, no que tange o tema rememoração, dentre outros. Ao reproduzir a realidade de muitos jovens imigrantes, emergem da obra *Call me María* questões importantes que corroboram a afirmação da hibridiz identitária e cultural destes indivíduos, e, por conseguinte, também a expansão do sentimento de pertencimento.

PALAVRAS-CHAVE: Entre-lugar; Judith Ortiz Cofer; *Call me María*; Literatura de Migração; *Spanglish*.

ABSTRACT: When approaching a literary work influenced by the migratory experience, it aims to highlight not only identities built in transit, but also to draw attention to the fact that during the process of the identity's (re) construction a new space emerges, which in literary criticism receives denominations as "third space" (BHABHA, 1998) and "in-between" (SANTIAGO, 1978, 2000; BHABHA, 1998), motivated by cultural differences and that serves as stimulus for artistic productions. In addition to arguing about the multicultural space that emerges from the migratory movement and the immigrant's adjustment to the new space, it also highlights the rescue of memories, a very explored theme when it comes to Migration Literature. Therefore, the research, based on bibliography, has as its theoretical basis the premises of scholars such as Hommi Bhabha, regarding the appearing of the third space; Ilan Stavans, when it comes to the language's adaptations made by the immigrant himself, in order that he begins to feel part of this space; Wilhelm Dilthey and Luis Fernando Beneduzi, in what concerns the remembrance, among others. In reproducing the reality of many young immigrants, important issues emerge from *Call me María*, which corroborate the affirmation of the hybrid identity and culture of these individuals, and, consequently, also the expansion of the feeling of belonging.

KEYWORDS: In-between; Judith Ortiz Cofer; *Call me María*; Migration Literature; *Spanglish*.

* Este artigo, com as modificações e os ajustes necessários, é parte integrante da Dissertação de Mestrado defendida em 14/12/2016, na Universidade Federal do Espírito Santo, intitulada “Literatura de Migração, um Espaço de Memórias e Representações”.

PREÂMBULO

O tema Literatura de Migração vem ganhando cada vez mais espaço no mundo acadêmico, sempre com mais frequência ouve-se falar em escrita migrante e de sujeitos deslocados de seu lugar de origem que de alguma forma tentam resgatar memórias ou falar das razões de ter emigrado, dos problemas enfrentados e da melancolia proveniente da separação, forçada ou não, de suas raízes. Na contemporaneidade, nota-se uma expansão na publicação de textos que têm como protagonistas mulheres migrantes, que reproduzem a força que o feminino representa também em questões inerentes aos movimentos migratórios. Dessa forma, opta-se por analisar a obra *Call me María*, da escritora porto-riquenha Judith Ortiz Cofer, por tratar-se de uma escrita que reproduz processos, significados e subjetividades, além de fazer uma releitura social a partir da identificação e ruptura de estereótipos ou conceitos preestabelecidos no espaço identificado como o “entre-lugar”. Questões como memória, estranhamento, apoderamento, pertencimento, bem como a combinação de idiomas e culturas são abordadas com base em estudos importantes no meio acadêmico que exercem o papel de condutores no processo de construção da análise apresentada.

Nascida na cidade de Hormigueros, Porto Rico, em 24 de fevereiro de 1952, Judith Ortiz Cofer, filha de Jesus Ortiz Lugo e Fanny Morot Ortiz, emigra com sua família para Paterson, New Jersey, no ano de 1956. Nos primeiros anos de formação de Cofer, sendo seu pai um oficial da Marinha, a família vive constantemente entre Paterson e Porto Rico, o que proporciona à autora vivências multiculturais e também a incentiva a abordar em sua escrita o contraste entre culturas. O interesse da autora em abordar a experiência do imigrante, adquirida no espaço surgido a partir das diferenças culturais, coloca-a entre os principais escritores hispânicos residentes nos Estados Unidos que propõem a valorização das diferentes manifestações culturais expressadas pelo sujeito migrante através da literatura. Quando escreve, baseia-se em sua experiência de imigrante, principalmente no processo de adaptação à nova cultura,

abordando temas como identidade e etnicidade e evidenciando o isolamento e o estranhamento característicos do imigrante. Sua escrita surge da necessidade que sente de compartilhar suas experiências com outras pessoas: “Como imigrante porto-riquenha minha experiência chave era crescer bilíngue e bicultural. Portanto, senti a necessidade de compartilhar isso com outros, antes de continuar.”¹ (COFER, 1993, p. 85)²

A obra *Call me María* revela sentimentos específicos do imigrante ao contar a história de uma menina proveniente de uma família porto-riquenha sem muitos recursos, que tem como meta, estabelecida por seus pais desde que era apenas uma criança, estudar em uma universidade nos Estados Unidos. Sendo assim, ainda muito jovem, María encontra-se diante de difíceis escolhas. Entre a história da narradora e a história da autora existem similaridades, principalmente no que diz respeito à adaptação à outra cultura, ao interesse pelo novo idioma e ao amor pela escrita, o que sugere que o texto, mesmo sendo uma ficção, seja caracterizado como uma autobiografia ou autoficção. A autobiografia como gênero ou como um modo de leitura sempre provocou discussões no mundo acadêmico, desde análises feitas por Foucault e Derrida, até fundamentações estabelecidas por Philippe Lejeune (MIRANDA, 1992). De acordo com Miranda (1992), é importante averiguar “se o que limita ou define um texto autobiográfico depende da vida concreta do autor ou da própria estrutura textual.” (p.29) Contudo, a presente análise ater-se-á apenas em evidenciar a proximidade da história ficcional de Cofer com o gênero autobiográfico.

TRANSITANDO ENTRE CULTURAS

Entre tantos trabalhos importantes de Judith Ortiz Cofer, opta-se por falar de *Call me*

¹ *As a Puerto Rican immigrant my key experience was growing up bilingual and bicultural. Therefore I felt a need to share that with others, before I could go on.*

² Todas as traduções necessárias neste artigo foram realizadas pela própria autora – Tradução Livre

María, por se tratar da história de uma menina em meio a duas culturas, aquela do lugar onde nasceu e deixou para trás sua mãe e suas raízes, e aquela do outro lugar, para o qual seguiu com seu pai em busca de um futuro melhor. Trata-se de uma literatura voltada para o público jovem adulto (COFER, 2004; BLANCHARD & FALCETTI, 2007), em que a autora reflete sobre o conflito inerente ao multiculturalismo e ao bilinguismo, na tentativa da personagem de conquistar identidade, cultura e espaço próprios em um lugar ao qual não pertence. Nesta obra, a autora desenvolve o percurso de formação identitária da narradora, o que leva pesquisadores e críticos literários a classificá-la como um *Bildungsroman* (MAAS, 1999; CARVALHO, 2011), gênero que representa a formação física e psicológica do personagem adolescente e sua transição para a vida adulta. Durante esse processo constata-se a subjetividade em trânsito entre a cultura porto-riquenha e a estadunidense, rumo à afirmação de uma identidade transcultural. Em um resgate de memórias, a narradora intercala dois idiomas, o espanhol e o inglês, e transita entre textos narrativos, cartas e poemas.

María é uma jovem nascida em Porto Rico, cujo pai cresce e cria-se nos Estados Unidos, no *barrio*³, e retorna à ilha, onde conhece sua esposa, uma porto-riquenha que ensina inglês em uma escola católica na cidade em que mora. O pai de María, não satisfeito com a vida que leva, constantemente expressa sua vontade de retornar ao *barrio*. Sua mãe não deseja deixar seu lugar de origem, mas concorda que quando María tiver mais idade, eles irão para Nova Iorque, para que a menina possa estudar e conseguir entrar em uma universidade americana, por isso lhe ensina o inglês. Esse dia chega antes do planejado pela mãe de María que, não podendo mais suportar a tristeza do cônjuge, decide presentear-lo com uma passagem aérea para os Estados Unidos, diz que não deixará a ilha, mas permite que a filha tome sua própria decisão. Dessa maneira, “María Triste teve que decidir entre pais, idiomas, climas e futuros. ‘Hija, o que você

³ *El barrio*: comunidade formada por italianos que chegaram aos Estados Unidos no século XIX, originalmente denominada East Harlem, mas que passou a receber o nome *El Barrio* depois da chegada de porto-riquenhos na região, por volta de 1920. A comunidade é identificada hispânica por suas muitas características étnico-culturais e influências *Nuyoricans* (SCHULZ, 2015).

quer fazer? Vai para o barrio ou fica na ilha?’ Cada um deles me perguntou.’⁴ (COFER, 2004, p. 14)⁵

Quem narra a história é a protagonista, que alterna espaços entre passado e presente, contando fatos de sua vida. Dessa maneira, a autora possibilita a identificação do leitor com a personagem e ao mesmo tempo se autodescobre enquanto escreve: “minha escrita é minha jornada rumo à minha própria descoberta. Frequentemente faço uso da primeira pessoa para me fazer parar e perguntar – o que penso sobre isto? Como me sinto sobre aquilo?”⁶ (COFER, apud CARVALHO, 2011, p. 80) Fragmentos da história são escritos no gênero poema, em prosa e também no formato de cartas, ecoando assim a realidade plural em que está inserida a narradora. O objetivo de Cofer, não só nesta, mas em outras de suas escritas, como *The Line of the Sun* e *An Island like you: Stories of the Barrio*, é contribuir para mediação entre idiomas e culturas, além de mostrar como se dá a abordagem da condição migrante porto-riquenha nos Estados Unidos, a alteridade entre espaços físicos e a percepção do outro, a relação entre línguas e culturas contraditórias, o bilinguismo, a condição feminina e os estereótipos a esta associados.

A escrita voltada para o público étnico jovem, como neste caso, amplia as implicações da vida de um grupo, o qual vive um processo de formação identitária, considerando que estes jovens não apenas recebem cultura, mas a articulam no contexto em que vivem. Ao abordar a imigração de uma adolescente porto-riquenha, *Call me María* trata da questão da diversidade cultural, evidenciando questões como herança, intercâmbio cultural e formação de vínculos com as pessoas da comunidade (DAVIS, 2002).

O SOAR NOSTÁLGICO

⁴ *María Triste had to decide between parents, languages, climates, futures. “Hija, what do you want to do? Will you go to the mainland barrio or stay on the Island?” they each asked me.*

⁵ Deste ponto em diante, sempre que se tratar de citações da obra em estudo constará nas referências apenas a numeração da página.

⁶ *my writing is my journey toward self-discovery. I often use the first person in order to make myself stop and ask - what do I think about this? How do I feel about that?*

O sentimento nostálgico presente em *Call me María* é uma de suas principais características, pois a narrativa enfatiza a melancolia da protagonista ao rememorar seu lugar de origem. As lembranças são fragmentos do que a personagem opta por eternizar: momentos felizes de sua infância, com sua família reunida. Em razão da memória falível, María tende a escrever apenas algumas partes de seu passado, do pequeno mundo em que viveu ainda criança. Nesse processo de rememoração, o lugar de origem é exaltado e é construída uma verdade particular em relação à ilha. A personagem não fala tanto dos problemas e sim das boas experiências, talvez pelo fato de estar relembando sua infância e as belezas que viram seus olhos de menina. O filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1978), em seus estudos sobre memória, afirma que a mesma não é estável e que vários fatores incidem sobre ela, sejam estes provenientes do passado ou do presente (apud SIEGLIN, 2004). Segundo Dilthey, a memória é uma interpretação elaborada do sujeito, influenciada pelos acontecimentos do momento presente, e afirma que é impossível recordar o passado em todos os seus detalhes, o que ocorre é um filtro de seus elementos mais significativos (apud SIEGLIN, 2004, p. 120).

No processo de rememoração do lugar de origem, é importante considerar também que pode ocorrer uma mistificação do passado real, como afirma Luis Fernando Beneduzi (2011) em seus estudos sobre a nostalgia dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Esta fantasia é construída como forma de aliviar a dor das experiências vividas e o sentimento nostálgico proveniente da separação. O conceito de nostalgia começou a ser desenvolvido no século XVII, em tese defendida por Johannes Hofer, na Universidade de Basileia, na Suíça, identificando-a como uma doença marcada pelo desejo de retorno à pátria, seguido da não adaptação ao novo lugar (BENEDUZI, 2011). Posteriormente, entre os séculos XVIII e XIX, a partir da expansão deste conceito para além do aspecto geográfico, provocada por Immanuel Kant, o mesmo tomou outras dimensões relacionadas não somente ao espaço, mas ao tempo, passando a designar o desejo de retornar a determinados momentos do passado e não somente a um lugar, sendo o

sentimento nostálgico intensificado diante da impossibilidade de retorno (BENEDUZI, 2011). Quando se trata da protagonista de *Call me María*, o que ocorre é a reconstrução de imagens de sua infância, em que suas lembranças funcionam como reflexo do que ficou para trás e, neste caso em específico, são utilizadas para amenizar a dor surgida em razão da distância estabelecida entre passado e presente. No poema *Call me María*, que dá início e nome à obra, María descreve o clima do bairro em Nova Iorque logo após um rigoroso inverno:

É um dia quente, e até mesmo nesse *barrio*
o sol de outono é como um beijo, *un besito*,
em minha cabeça. Hoje me sinto
como uma iguana procurando uma pedra quente
no sol. Estou sentada
no primeiro degrau da escada de cimento
que conduz ao nosso apartamento no porão
numa cidade que está apenas acordando
de um profundo e escuro sono de inverno.
O sol esquentou o concreto,
raios caem sobre mim como uma ducha quente.
É um lindo dia
até mesmo nesse *barrio*, e hoje
Eu estou quase não triste [...] ⁷ (p. 1-2, grifos da autora)

No poema acima, María transmite a sensação de quando o sol a toca e usa duas vezes a expressão “mesmo nesse bairro”, como se naquele lugar aquilo não fosse possível. Na sequência, ela se compara a uma iguana à procura de uma pedra aquecida pelo sol, evidenciando o inverno rigoroso e longo do lugar, reproduzindo assim a nostalgia que sente do clima de seu país de origem. A narradora ainda diz que naquele dia ela está quase não triste, o que leva a indagar por que Cofer escreveu “e hoje eu estou quase não triste” em vez de hoje eu estou quase alegre? Talvez sua intenção tenha sido de mostrar ao leitor que a possibilidade de estar quase alegre ainda estava muito distante, levando em consideração que estavam tão vivas as lembranças de sua vida na ilha.

⁷ *It is a warm day, and even in this barrio/ the autumn sun feels like a kiss, un besito,/ on my head. Today I feel/ like an iguana seeking a warm rock/ in the sun. I am sitting/ on the top step of the cement stairwell/ leading into our basement apartment/ in a city just waking/ from a deep and dark winter sleep./ The sun has warmed the concrete,/ rays falling on me like a warm shower./ It is a beautiful day/ even in this barrio, and today/ I am almost not unhappy. [...]*

[...] Algumas vezes,
quando me sinto como um pássaro
voando sobre tudo que é feio ou triste,
Eu sou María Alegre.
Outras vezes,
quando eu sou como uma pequena
criatura da terra,
quando sinto como se nunca
fosse ver o sol novamente,
Eu sou María Triste.
Minha mãe costumava chamar-me
sua *paloma*, sua pomba,
quando eu estava *alegre*,
e sua *ratoncita*,
sua pequena ratinha,
nos dias quando eu estava *triste*.
Hoje não sou nenhuma delas.
Pode chamar-me somente María.⁸ (p. 2, grifos da autora)

Na segunda parte do poema a menina se compara a um pássaro quando sobrevoa tudo que é feio ou triste, é então *María Alegre*, e a uma pequena criatura terrestre que nunca verá o sol novamente, desta vez é *María Triste*, mas naquele dia em especial, sente-se diferente e pode ser chamada apenas de María. Nesse movimento de contrastes, como em um mundo onírico, a primeira imagem representa o sonho da ilha em sua perfeição e a segunda a dura realidade do outro lugar. Estes conflitos de sentimentos, tais como de espaços e tempos, característicos de sujeitos migrantes, conduzem a personagem a um novo estado identitário, à reconstrução do seu eu, neste caso, de uma María nem triste nem alegre, mas, sim, diferente.

No *barrio*, María e seu pai moram em um apartamento no porão onde da janela conseguem apenas ver as pernas dos passantes e de onde María costuma brincar com sua melhor amiga de imaginar suas histórias a partir não só dos sapatos, mas do modo como caminham e do som de suas vozes, jogo denominado por elas de *Instant History*. A personagem sente falta da ilha, da vida que levava com seus pais em uma casa perto do mar e gosta sempre de lembrá-la em seus poemas, encontrando assim uma maneira de não esquecê-la. A vida que leva com seu pai em Nova Iorque não é ruim, mas sente muita falta de sua mãe, de sua casa, dos

⁸ [...] *Sometimes, / when I feel like a bird / soaring above all that is ugly or sad, / I am María Alegre, / Other times, / when I am like a small, / underground creature, / when I feel like I will never / see the sun again, / I am María Triste. / My mother used to call me / her paloma, her dove, / when I was alegre, / and her ratoncita, / her little mouse, / on the days when I was triste. / Today I am neither. / You can just call me María.*

momentos em que elas dançavam a salsa e também de sensações que ainda estavam tão presentes em sua memória: “Eu sinto falta do oceano, do sol, espanhol nos meus ouvidos o dia inteiro.”⁹ (p. 4)

A nostalgia sentida pelo sujeito migrante é como um desejo de retorno não só a um lugar, mas a um tempo, e, conseqüentemente, está relacionada à impossibilidade deste retorno. Sendo assim, consciente da irreversibilidade do tempo, María não expressa o desejo de retornar e, apesar da saudade explicitada em seus poemas e cartas, como em um processo de retorno mnemônico através elaboração dos sentidos, prefere manter a esperança de que, quando a primavera chegar, irá desabrochar e sair de seu esconderijo, “Eu assistirei o mundo passar até estar pronta para submergir, *una flor en la primavera*. Eu sei que a primavera chegará algum dia mesmo neste *barrio*, E quando chegar eu quebrarei o concreto e alcançarei o sol como a primeira flor da primavera.”¹⁰ (p. 3, grifos da autora).

ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

A oscilação entre passado e presente é uma característica importante na escrita de *Call me María*, capaz de transportar o leitor entre eventos da vida da protagonista, sejam estes referentes à sua infância em Porto Rico ou à sua adolescência em Nova Iorque. No entanto, no decorrer da obra, percebe-se que o presente vai ocupando maior espaço na vida de María, como se expulsasse o passado de seus pensamentos e preocupações. Tal mudança ocorre em ocasião da necessidade da protagonista de narrar suas experiências atuais, bem como de sobreviver no país de acolhimento. A partir do momento que María começa a descrever seus novos amigos e seu novo mundo, dá-se início um processo de familiarização do leitor com o lugar que a personagem passa a ocupar no tempo presente.

⁹ *I miss the ocean, the sun, Spanish in my ears all day.*

¹⁰ *I will watch the world go by until I am ready to surface, **una flor en la primavera**. I Know that spring will come someday even to this **barrio**. When it does I will break through the concrete and reach for the sun like the first flower of spring.*

A rememoração do passado é muito presente no início da obra, a protagonista se apega às lembranças como forma de não romper com suas raízes. María descreve algumas cenas de seu passado na ilha, proporcionando ao leitor a possibilidade de conhecer melhor a sua história e os motivos que a fizeram migrar para os Estados Unidos, além de evidenciar memórias que tem de sua terra natal.

Na Parte um - O começo de María Alegre/ María triste, a menina fala um pouco de sua infância, das brincadeiras com sua mãe, de quando era María Alegre ou María Triste, apelidos utilizados por sua mãe, tendo sido o primeiro criado por sua avó, a qual dizia que a neta era a criança mais feliz que já havia conhecido. Também nessa parte, o leitor constata a tristeza do pai de María, que pensa em retornar ao *barrio*, lugar onde viveu antes de seus pais se mudarem definitivamente para a ilha, “Ele sempre se sentiu fora de sintonia com os porto-riquenhos da ilha, embora tenha estado aqui por tantos anos e casado com uma moça da ilha, uma moça da ilha que quer ficar na Ilha.”¹¹ (p. 8)

Uma das lembranças mais felizes de María é de quando dançava com sua mãe. A dança, tanto a salsa quanto o mambo ou o bolero, é referência da cultura porto-riquenha e Cofer a destaca no decorrer da história. Durante toda a diegese, o leitor depara-se com María não só a recordar os momentos em que dançava, como também a dançar, compartilhando sua cultura porto-riquenha com as pessoas ao seu redor. Nesse sentido, a dança funciona para María como um dos muitos “mnemagogos” - definidos pelo personagem Morandi, de Primo Levi, no conto *Os Mnemagogos*, como “suscitadores de memória” (LEVI, 2005, p. 22) – e é uma maneira que a protagonista encontra de conectar-se com seu passado de *María Alegre*.

Outra referência cultural da ilha, muito evidenciada por Cofer em suas obras, é *la cuentería popular*, conhecida nos Estados Unidos como *storytelling*, tradição oral apreendida e transmitida por gerações pelas e para as mulheres da ilha, “Ela é professora de inglês e uma

¹¹ *He has always felt out of step with the island Puerto Ricans, although he has been here so many years and married an island girl, an island girl who wants to stay on the Island.*

contadora de histórias. Ela consegue contar histórias em ambos os idiomas.”¹² (p. 6) No caso de Cofer, esta tradição lhe foi passada através de sua avó, uma mulher que não teve oportunidade de estudar, mas era extremamente sábia e forte. Através de seus *cuentos*, adequando-os de acordo com a situação e os ouvintes, ensinava que “[...] que realidade é relativa, que mudamos de acordo com nossa própria interpretação.”¹³ (COFER, 1997, p. 2) Sua avó não era uma crítica literária, mas Cofer costuma compará-la com Virgínia Woolf, pois ambas “[...] sabiam que a palavra era poderosa de uma maneira que nada mais era.”¹⁴ (COFER, 1997, p. 2) Definitivamente, os contos de sua avó lhe servem de inspiração para escrever, “E elas contavam *cuentos*, histórias de moralidade e de advertência contadas por mulheres em nossa família por gerações: histórias que se tornaram parte do meu subconsciente enquanto crescia em dois mundos, a ilha tropical e a cidade gelada, e que mais tarde viriam à tona em meus sonhos e minha poesia.”¹⁵ (COFER, 2000, p. 66)

Na Parte dois - A Memória de *María Alegre* constata-se, através das lembranças descritas, o gosto da protagonista pela dança. Em seu quarto, ainda criança, *María* tinha várias fantasias e roupas que gostava de usar nas exposições que fazia em casa, com sua mãe. São desses momentos que a menina mais sente falta, de quando girava pela sala dançando mambo, bolero ou salsa, ““Estou pronta *María Alegre*”, *Mami* anuncia. Um mambo muito rápido sopra fora dos alto-falantes. *María Alegre* pula nos braços da *Mami*, quase a derrubando. Elas então começam a dançar o mambo.”¹⁶ (p. 10) Estas são lembranças que sempre acompanham a menina. Lembranças, ou memórias, são acompanhantes fiéis do sujeito migrante, que deixa para trás uma vida que dificilmente será experimentada novamente. É uma realidade irreversível e o que

¹² *She is a teacher of English and a storyteller. She can tell stories in both languages.*

¹³ *[...] that reality is relative, that we change it through our own interpretation.*

¹⁴ *[...] knew that the word was empowering in a way that nothing else was.*

¹⁵ *And they told cuentos, morality and cautionary tales told by the women in our family for generations: stories that became a part of my subconscious as I grew up in two worlds, the tropical island and the cold city, and that would later surface in my dreams and in my poetry.*

¹⁶ *“I am ready, María Alegre,” Mami announces. A very fast mambo song blasts out of the speakers. María Alegre jumps into Mami’s arms, almost knocking her down. Then they begin to do the mambo.*

Cofer tenta transmitir ao leitor é que, através da escrita, é possível reviver estas memórias.

A Parte três – Florescendo fala do dia da partida, que chega quando María completa 14 anos, quando sua mãe, vendo a tristeza que sentia o marido, decide deixá-lo livre para partir, deixando à menina a decisão de ir ou de ficar. A partir deste momento, *María Triste* começa a aparecer com mais frequência. Ela decide ir com seu pai para o *barrio*, mesmo sabendo que deixaria para trás sua mãe e sua ilha, pois objetivos já haviam sido traçados desde que era apenas uma menina - “Eu vou com Papi. Vou explorar um novo mundo, conquistar o inglês, tornar-me forte, crescer através do concreto como uma flor que se enraizou sob a calçada. Eu vou crescer forte, com ou sem o sol.”¹⁷ (p. 14)

A vida na comunidade hispânica de Nova Iorque é descrita em detalhes na obra de Cofer, que geralmente acontece através da caracterização dos personagens que fazem parte da comunidade e do núcleo de relacionamentos da protagonista, cada qual com sua representação e seus costumes, uns hispânicos como María, Whoopee - sua melhor amiga - e *Doña Segura* - a costureira - e outros originários de outros países, como *Uma* - a amiga indiana. Isso mostra que o imigrante nos Estados Unidos não se encontra apenas entre duas culturas, mas, sim, entre muitas, considerando que a própria cultura americana já é uma mistura de tantas outras, o que faz dele um sujeito de identidades múltiplas. Ao adotar esta linha de escrita, a autora revela o trânsito de culturas e etnias no espaço migratório, evidenciando assim trocas culturais em constante movimento. É neste espaço, onde culturas se entrelaçam e identidades se (re) constroem, que toda a gama contraditória e conflitante de elementos linguísticos e culturais interage. Este espaço, marcado pela hibridação, é chamado por Bhabha de “terceiro espaço de enunciação” (BHABHA, 1998, p. 67-68). Segundo o crítico indiano, trata-se de um espaço onde o diferente surge sem um padrão pré-determinado, é o espaço da heterogeneidade onde significados outros emergem através de apropriações, propiciando leituras diferenciadas

¹⁷ “I will go with Papi. I will explore a new world, conquer English, become strong, grow through the concrete like a flower that has taken root under the sidewalk. I will grow strong, with or without the sun.”

(BHABHA, 1998).

Cofer revela essa confluência de culturas em um capítulo exclusivo no livro, intitulado *Who are you today, María?* Quando María terá que dizer quem é através das roupas que escolherá vestir para ir à escola. María se veste enquanto sua avó a observa, dizendo que a neta pode escolher ser quem ela quiser. Assim, María começa a descrever para sua avó cada peça que veste: um top feito de um *sari* que ganhou de *Uma*, uma saia vermelha que sua mãe costumava usar para dançar - que abre feito um guarda-chuva quando roda - uma jaqueta que seu pai geralmente usa quando canta nas festas - sob as luzes, ela muda de cores, parecendo estar viva em meio ao movimento - e, finalmente, os sapatos plataforma que ganhou de sua amiga Whoopee. Ao fim, sua avó exclama: “Agora sei quem és María, e quem poderás ser, se quiser. Vem aqui, meu amor”¹⁸ (p. 97) Em seguida a abraça e coloca em seu pescoço um xale azul, herança de sua mãe e do qual não se separava jamais. Neste momento, María é *María Alegre* novamente e tem certeza que quando o Sr. Golden, seu professor de inglês, olhar para ela e perguntar “*Who are you today, María?*” Ela dirá, sem hesitar “*I am a poem!*” (p. 98). Dessa forma, María dá-se conta de que é uma fusão de todas as experiências vividas até então, de que possui características de todos que fizeram ou fazem parte de sua vida.

Assim como a hibridação de culturas, a hibridação de idiomas também é muito característica no espaço migratório e é muito presente na vida e na escrita de Cofer. María tem como objetivo aprender o inglês fluentemente, entretanto, é também para ela muito importante não abandonar sua língua materna, o espanhol, “Eu sei palavras em duas línguas. Não desistirei de nenhuma das duas. O que me dá uma vantagem de saber mais do que você sabe. Estou tendo também Conversação em Espanhol com *la señorita* Stuckey. Não esquecerei minha primeira língua.”¹⁹ (p. 28, grifo da autora).

¹⁸ “*Ahora sé quién eres, María, y quién puedes ser, si quieres. Ven acá, mi amor.*”

¹⁹ *I know words in two languages. I will not give up either one. It gives me an advantage to know more than you know. I am also taking Spanish Conversation with la señorita Stuckey. I will not forget my first language.*

Apesar de apreciar muito as aulas de inglês, María tem sempre a sensação de que será criticada por seus colegas, este é um sentimento que a diminui. No entanto, entre lições com frases declarativas, imperativas ou exclamativas, o Sr. Golden sempre a encoraja, fazendo com que se envolva cada vez mais com a língua inglesa, “Uma frase exclamativa é uma forte emoção expressa em palavras. Começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto de exclamação.”²⁰ (p. 60) Um recurso muito utilizado pelo professor em suas aulas é o *Rap*, através do qual ele guia María por um caminho sem volta: o aprendizado e a construção de sentidos dessa nova língua. Entretanto, o sentimento da protagonista persiste, por isso, é nestas aulas que mais se empenha, pois a ajudam a desenvolver a escrita de seus poemas, até descobrir que é capaz de escrevê-los em uma língua que, até então, não a pertencia. Trata-se de mais uma característica autobiográfica, considerando que remete ao sentimento da autora logo após ser inserida em uma escola americana, quando se deu conta de que tinha que aprender fluentemente o inglês, pois esta seria a sua principal defesa na luta pela sobrevivência no outro lugar, “Eu decidi que minha principal arma na vida era a comunicação. Eu tive que aprender o idioma do lugar onde estava vivendo para sobreviver.”²¹ (COFER, 1992, p. 2)

***SPANGLISH*: UM FENÔMENO LINGUÍSTICO EM ASCENSÃO**

O *Spanglish*, muito explorado por Cofer em sua escrita, é um idioma alternativo com características híbridas que gera controvérsias. Para muitos ele é considerado abominável, como aponta o pesquisador Ilan Stavans em seus estudos sobre este “código verbal transnacional”²² (STAVANS, 2000a, p. 557). Os que o abominam, alegam que os falantes do *Spanglish* não são capazes de falar adequadamente nem uma língua, nem outra. Para estes, o fenômeno é

²⁰ *An exclamatory sentence is a strong emotion expressed in words. It begins with a capital letter and ends with an exclamatory mark.*

²¹ *I decided that my main weapon in life was communication. I had to learn the language of the place where I was living in order to survive.*

²² *transnational verbal code*

considerado o jargão dos pobres, dos imigrantes sem educação, os quais não são proficientes nem no inglês, nem no espanhol. A favor do *Spanglish*, Stavans afirma que “[...] a língua não pode ser legislada; é a mais livre, mais democrática forma de expressão do espírito humano.”²³ (STAVANS, 2000a, p. 556) Estudos contemporâneos já demonstram que independentemente de ser um novo idioma ou apenas mais uma gíria criada, definitivamente, a língua inglesa não está imune à influência do *Spanglish*.

Por muito tempo, o *Spanglish* foi considerado apenas um problema da língua espanhola, de fato, ainda nos dias atuais, alguns dicionários como o *American Heritage Dictionary* definem o fenômeno como sendo o “espanhol caracterizado por vários empréstimos do inglês” (2015). Conquanto, autores como Stavans, que descreve o fenômeno como “o encontro verbal entre as civilizações anglo e hispânica”²⁴ (STAVANS, 2005, p. 2), após estudos mais aprofundados, chegaram à conclusão que o *Spanglish* é uma convergência linguística que afeta ambos os idiomas, o inglês e o espanhol. Stavans denota ainda que o *Spanglish* é utilizado entre a população hispânica para estabelecer uma empatia entre eles e não pode ser definido levando em consideração classes sociais, pois se trata de um código utilizado tanto por trabalhadores imigrantes como por políticos e apresentadores de TV (2000a, p. 557).

Apesar do contato que tiveram no século XV, o diálogo entre as duas línguas deu-se a partir do século XIX, mais precisamente entre 1803 e 1848, quando grande parte do México foi entregue aos Estados Unidos através do Tratado de Guadalupe Hidalgo. Foi então que, com a entrada dos estadunidenses em território mexicano, foram identificados os primeiros indícios de fusão entre os dois idiomas. Com a concessão da cidadania americana aos mexicanos, o inglês tornou-se o idioma dominante, utilizado em âmbito empresarial e diplomático, entretanto, o espanhol continuou vivo nos lares e escolas. A persistência da língua espanhola

²³ [...] a language cannot be legislated; it is the freest, most democratic form of expression of human spirit.

²⁴ the verbal encounter between the Anglo and the Hispanic civilizations.

em manter-se viva trouxe resultados, com o passar do tempo, dicionários estadunidenses passaram a incluir em seu glossário palavras de origem espanhola, bem como a Academia Real Espanhola começou a aceitar vocabulários provenientes desta mistura, denominando-os de “Americanismos” (STAVANS, 2000b, p. 3-4).

Para María, *Spanglish* é como um “inglês quebrado”, porém, para aqueles que nascem no *barrio*, como sua amiga Whoopee Dominguez, é natural utilizá-lo no dia a dia, considerando que se trata de uma característica importante na formação identitária desses indivíduos. No capítulo intitulado *Spanglish for You and Maybe for Me*, María fala um pouco sobre o *Spanglish*, do seu sentimento em relação a este código verbal e exemplifica com algumas falas de Whoopee: “*Oye, vamos to the marqueta ahora*”, “*la maestra has me entre un rock and a hard place*”, “*Oye, girlfriend, you wanna ir al mall today, whadda ya say?*” (p.18, grifos da autora), além de utilizar outros termos durante a narrativa, tais como *Barrioman* e *El Súper*. María tem como objetivo aprender o inglês para entrar na universidade, mas para ela “[...] *Spanglish* é como uma canção que você não consegue tirar da cabeça. Tem ritmo, uma batida, você quer dançar.”²⁵ (p. 18).

Durante toda sua transformação cultural e psicológica em Nova Iorque, percebe-se que a personagem vai se tornando bilíngue, ou trilingue, e, naturalmente, conscientiza-se dos momentos em que deve usar o inglês, bem como o espanhol ou o *Spanglish*. O inglês representa para María a ferramenta principal que a fará ajustar-se dentro do contexto em que se encontra, sem apreendê-lo, não atingirá seus objetivos. Em contrapartida, o espanhol é parte de sua identidade porto-riquenha, ao mesmo tempo em que o sente escapar, esforça-se para não perdê-lo. E ainda, María vai tomando para si o *Spanglish*, fenômeno que, segundo ela, foi o modo que os latinos encontraram de sonhar em duas línguas, de não esquecer suas origens, além de, ao utilizá-lo, poder assumir o seu sotaque hispânico, que a denuncia toda vez que fala o inglês,

²⁵ [...] *Spanglish is like a song you cannot get out of your head. It has rhythm, it has a beat, you want to dance to it.*

apesar de seu esforço em pronunciá-lo apropriadamente.

O bilinguismo é uma das principais características da obra, em praticamente todas as páginas do livro se fazem presentes palavras ou frases em espanhol, bem como expressões em *Spanglish*. A utilização constante do espanhol e de suas variações no texto é mais do que um desejo de ativar memórias do passado, é a intenção da autora de evidenciar como interagem um ou mais idiomas em um espaço multicultural.

O “ENTRE-LUGAR” - ENTRE CULTURAS E CONFRONTOS IDENTITÁRIOS

É muito comum, em uma nação composta em grande parte por imigrantes, que estes passem a (re) construir suas identidades de modo a se ajustarem à nova sociedade. Muitos grupos étnicos que vivem nos Estados Unidos se identificam com o vocábulo “American”, como no termo *African-American*, na tentativa de serem incluídos na sociedade americana, como por exemplo, os *Mexican-Americans*, *Cuban-Americans*, *Haitian-Americans*, etc (GROSGUÉL, 1999). No caso dos porto-riquenhos, existe uma resistência a adotar esta forma de identificação, mesmo por parte da última geração, talvez pela constante circularidade destes entre a ilha e os Estados Unidos, o que contribui para a manutenção de sua cultura e tradições. Segundo Ramon Grosfoguel (1999), o sentimento de pertencimento dos porto-riquenhos em relação à ilha mantém-se vivo, mesmo sem terem nunca visitado Porto Rico. No entanto, não se pode afirmar que a identidade dos porto-riquenhos nos Estados Unidos é uma extensão daquela de origem. Apesar de manterem o sentimento de pertencimento, eles não reproduzem nem a identidade nacional, nem a da sociedade americana, e sim “[...] misturam, redefinem, ressignificam e reapropriam uma multiplicidade de práticas de diferentes culturas, reimplantando práticas culturais do país de origem em formas novas e transformadas.”²⁶ (GROSGUÉL, 1999, p. 246)

²⁶ [...] mix, redefine, resignify and reappropriate a multiplicity of practices from different cultures, redeploying cultural practices of the country of origin in new and transformed ways.

A introdução feita por Homi Bhabha, no livro “O Local da Cultura”, tem seu início marcado por uma citação de Martin Heidegger em *Building, Dwelling, Thinking*: “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*” (1998, p. 19, grifo do autor). A fronteira é o lugar onde “espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão.” (BHABHA, 1998, p. 19), onde as trocas e os confrontos ocorrem de forma enriquecedora, proporcionando um lugar onde os sujeitos, individualmente ou coletivamente, “elaboram estratégias de subjetivação” e de subversão, que conduzem à criação de “novos signos de identidade”, a partir das diferenças (BHABHA, 1998, p. 20).

María encontra-se no “entre-lugar”, na fronteira, onde o novo e o velho se cruzam e produzem o sentimento de estranhamento, característico do sujeito migrante, que aos poucos vai evidenciando o desejo de transformação. Para Bhabha, o estranhamento faz primeiro com que o mundo se contraia, o que não é um sentimento agradável, para que depois se expanda de forma grandiosa, é então que o sujeito em questão começa a se adequar ao novo mundo (BHABHA, 1998). Nesta obra de Cofer, o mundo de María, após sua experiência migratória, se reduz a um apartamento no porão, a uma pequena caverna que guarda seus sonhos mais sublimes, enquanto na ilha, a partir de seus relatos de experiências e contato com a natureza, tem-se a impressão de que seu mundo era imenso, mas em contrapartida, seus sonhos eram limitados. Conquanto, à medida que a personagem vai tomando consciência do lugar onde se encontra, seu mundo começa a expandir-se novamente, só então a protagonista dá início a um processo de associação entre as memórias do passado e suas experiências do presente. Bhabha cita John Locke e os critérios dos quais faz uso em seu estudo sobre a continuidade da consciência, onde, segundo ele, quando o indivíduo amplia sua consciência de passado - e as conecta com o tempo presente - ele dá início à extensão de sua própria identidade (BHABHA,

1998). No início da obra, o sentimento característico da protagonista é a nostalgia, conforme o poema de abertura. No texto seguinte, María descreve o lugar onde mora e sua atmosfera segura, como se fosse o único lugar no *barrio* que a permitisse ser ela mesma, porém já manifesta sua vontade de desabrochar e apropriar-se do espaço que vai além da parede de concreto. Aos poucos, María começa a sentir-se diferente, ela carrega imagens da ilha e de seu pai, que canta sobre um paraíso, “[...] onde o sol sempre brilha e flores florescem para sempre.”²⁷ (p. 36), porém, sabe que no mundo real as flores crescem em solo verdadeiro, que florescem e murcham, e “[...] precisam tanto do sol quanto da chuva para desenvolver”²⁸ (p. 36).

O sujeito migrante transforma-se culturalmente pelo fato de estar constantemente em contato com outras culturas. María, em seu novo ambiente, está sempre vivenciando outras culturas, o que contribui para a (re) construção de sua identidade. O contato com porto-riquenhos que nasceram no *barrio* ou que vivem lá há muito tempo, falam o *Spanglish* e se vestem com uma mistura de roupas porto-riquenhas e americanas, como *Whoopee*; com aqueles que não são nem porto-riquenhos, nem estadunidenses, e sim vindos de outros países, tal como *Uma*, sua amiga indiana; e, finalmente, com os nativos dos Estados Unidos, com os quais tem contato principalmente quando está no ambiente escolar, a situam em um cenário multicultural.

A troca constante de experiências é responsável pela transformação da personagem na nova sociedade, que absorve tudo de novo que vem ao seu encontro, como os aromas indianos que invadem sua casa, vindos do apartamento de *Uma* e sua mãe, e que a transportam para diversos lugares da Índia. As amigas trocam experiências, enquanto María adquire conhecimento sobre a Índia, seus lugares sagrados e de como se vestem, *Uma* quer saber mais da história dos Estados Unidos, para quando for o momento de obter a cidadania americana, além de seu interesse em aprender a salsa, dança de origem latina e praticada em Porto Rico. Aos poucos, a partir de seu desenvolvimento psicológico e cultural, María vai transformando-

²⁷ [...] where the sun always shines and flowers bloom forever.

²⁸ [...] need the rain as well as the sun to live.

se e convencendo-se de que está se tornando parte daquele lugar e um fator de grande importância para que isto ocorra é seu envolvimento e apropriação da língua inglesa.

Não obstante, apropriar-se do idioma do lugar não é suficiente, tampouco o contato que mantém com as pessoas de seu convívio. Em determinado momento, María conscientiza-se de que, para sentir-se efetivamente parte do lugar, precisa ultrapassar as barreiras que separam o *barrio* da cidade e enfrentar o medo que sente de ser alvo de preconceito. É chegado o momento de entrar em contato direto com as pessoas e não mais apenas através de histórias inventadas a partir dos seus sapatos, de seus movimentos e dos sons de suas vozes. Sabe-se que, mesmo com a cidadania americana, os porto-riquenhos não conseguem ter acesso a tudo que esta lhes dá direito, pelo fato de serem considerados como um “[...] grupo colonial racializado nos Estados Unidos da América [...]”²⁹ (GROSFOGUEL, 1999, p. 242). A realidade vivida pelo pai de María na condição de zelador, que configura a marginalização social a qual estão sujeitos os porto-riquenhos em solo estadunidense, não se assemelha com o que imaginava a menina quando, ainda criança, ouvia-o em suas recordações da adolescência no *barrio*. A menina imaginava uma casa brilhante, repleta de tecnologia, o que traria muita facilidade às suas vidas, no entanto, dá-se conta de que o mundo de seu pai era pequeno demais, restringia-se a atender aos moradores do *el building* e em tocar suas velhas músicas, com seus velhos amigos, *en la bodega*, e assim, viver das recordações de sua juventude. María, diferente de seu pai, deseja ir além deste mundo, quer transformar-se e, para que isso aconteça, decide desafiar seus temores e romper as paredes de concreto, “Hoje irei sozinha à cidade. Praticarei o inglês com pessoas reais e tentarei aprender mais sobre o mundo fora deste bloco assim um dia não me sentirei mais perdida no mundo. Talvez eu aprenda a pensar esta cidade como lar.”³⁰ (p. 62)

²⁹ [...] racialised colonial group within the USA [...]

³⁰ Today I will go downtown by myself. I will practice English with real people and try to learn more about the world outside this block so that one day I will stop feeling lost in the world. Maybe I can learn to think of this city as home.

APROPRIANDO-SE DO OUTRO LUGAR

O estranhamento é um sentimento muito presente no início da obra e é evidenciado algumas vezes, como quando a narradora, em sua primeira *Letter to Mami*, descreve a nova escola: “Minha nova escola parece uma prisão. Tem uma parede em torno dela e grades nas janelas.”³¹ (p. 4), ou quando fala da vida que levam no *barrio*, que não é nada similar ao que seu pai descrevia quando expressava o desejo de retornar “[...] Embora tenha se revelado muito pouco parecida com a visão futurística que ele tinha de sua *familia* em uma casa brilhante [...]; na verdade, nós não fizemos uma boa troca deixando a vida que tínhamos na Ilha [...]”³² (p. 17, grifo da autora), e ainda, quando menciona o preconceito que os nativos têm com o seu modo de falar o inglês, com o seu sotaque porto-riquenho: “Eu sei que é o *preconceito* de algumas pessoas que faz com que eles me *subestimem*; eles me *pré-julgam* por não me parecer ou falar como eles.”³³ (p. 28, grifos da autora). Contudo, aos poucos María vai desenvolvendo um sentimento de pertencimento em relação ao lugar, que a princípio caracterizava como hostil e inóspito.

O termo pertencimento - *belonging* - há muito vem deixando de ser relacionado ao lugar de nascimento ou a seu grupo social de origem, como estudado por Zygmunt Bauman (2011). De acordo com o sociólogo, o pertencimento está deixando de ser monopólio de uma única entidade e tornando-se múltiplo (BAUMAN, 2011). A personagem começa a criar laços com as pessoas ao seu redor, o que torna mais fácil sua vida no *barrio*, além do envolvimento com a nova língua. A apreensão do novo idioma é tida, na obra, como fator muito importante na adaptação de María ao novo lugar. Prova disso é quando, no capítulo intitulado “*English: I am the Simple Subject*”, o professor Golden incentiva a narradora a escrever poemas, mesmo ela

³¹ *My new school looks like a prison. It has a wall around it and bars on the Windows.*

³² *[...] although it turned out to be very little like the futuristic vision he once had of his **familia** in a shining home [...]; in fact, here we have traded down from the life we had on the Island [...]*

³³ *I know that it is the **prejudice** of some people that makes them **underestimate** me; they **prejudge** me because I do not look or sound like them.*

argumentando que ainda não possui todas as palavras de que precisa para escrevê-los – “‘Pegue palavras onde encontrá-las, María. Faça o que tiver que fazer para continuar a escrever suas histórias e poemas, [...]’”³⁴ (p. 104). Dizendo isso, o professor a presenteia com um livro de poemas em espanhol e inglês, *Elementary Odes*, de Pablo Neruda. María o recebe ainda sem acreditar que fosse capaz, pelo simples fato de viver em um mundo muito pequeno, com poucos pontos de exclamação e muitas interrogações, com questões que dizem respeito somente a ela e não interessam a mais ninguém. Somente quando lê Pablo Neruda, a menina dá-se conta que pode, sim, escrever poemas, poemas que tratem de coisas simples, mas que tenham grande importância e que no futuro possam significar esperança para alguém que acredita viver em um mundo tão insignificante a ponto de pensar que não vale a pena escrever sobre ele.

EPÍLOGO - ENTRE SENTIMENTOS, MOTIVAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Mesmo refletindo sobre os problemas enfrentados durante a adaptação de adolescentes porto-riquenhos na metrópole americana, emergem da obra *Call me María* vertentes positivas que contribuem para amenizar conflitos surgidos no interior de uma sociedade em que setores ligados aos poderes político e econômico insistem em lutar contra o pluralismo étnico e cultural. A combinação entre diferentes gêneros textuais, idiomas, culturas e sentimentos é um recurso utilizado pela autora para remeter à hibridização característica do sujeito migrante que vive no “entre-lugar” de universos contraditórios. Dessa forma, ocorre uma negociação entre identidades a fim de que o sujeito se reconheça no espaço ao qual está inserido sem perder suas características de origem.

Durante toda a diegese, Cofer reconstrói experiências de porto-riquenhos, tanto na ilha quanto em Nova Iorque, lidando com a transformação da personagem no decorrer do tempo, tornando-a mais forte e capaz de sobreviver às intempéries surgidas no local que escolheu para viver. Histórias como esta reproduzem a realidade da imigração inerente ao fluxo, à mistura, ao

³⁴ “‘Take words where you find them, María. Do what you have to do to keep writing your stories and poems, María, [...]’”

pertencimento e à dominação colonial. Nesse sentido, incentivam os jovens, personagens reais desse contexto, a irem de encontro à estereótipos criados no interior de uma sociedade hegemônica, possibilitando a (re) construção de uma identidade composta de elementos híbridos, em que possam reconhecer tanto sua herança porto-riquenha, quanto ressignificar sua condição de estadunidenses.

Em um movimento constante, a personagem central de *Call me María* busca uma reconciliação consigo mesma e com sua identidade híbrida, a partir do diálogo entre culturas e línguas. A sua determinação em apropriar-se do novo idioma a torna capaz de escrever poemas em uma língua que a princípio tanto a intimidava. No início, era necessário roubar palavras em inglês, ou simplesmente se apoderar delas, quando esquecidas por negligência daqueles que não valorizavam o tesouro herdado, “É diferente agora. O que tinha antes que roubar, é legalmente meu, já que ninguém jamais reivindicou uma palavra, tomado de volta uma frase.”³⁵ (p. 126). Com o passar do tempo, a personagem vai apropriando-se do outro idioma e do outro lugar, sentindo-se gradativamente mais confortável com a sua condição.

Assim como Cofer, *María* sempre teve a certeza de que aprender o inglês era o caminho para o sucesso de suas conquistas naquele mundo que parecia não lhe pertencer. O movimento feito pela autora no decorrer da obra colabora para a construção de identidades mais plenas e menos contidas, no sentido de romper com a ideia de pertencer a um lugar ou a outro, além de evidenciar o espaço ocupado pelos imigrantes porto-riquenhos nos Estados Unidos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. Migration and identities in the globalized world. *Philosophy and Social Criticism*, v. 37, n. 4, 425-435, 2011. Disponível em: <psc.sagepub.com>. Acessado em: 31 de julho de 2016.

BENEDUZI, L. F. **Os Fios da Nostalgia**: Perdas e Ruínas na construção de um Vêneto imaginário. Rio Grande do Sul: UFRGS Editora, 2011. 234 p.

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. 395 p.

³⁵ *It is different now. What I had to steal then is legally mine since no one has ever claimed a word, taken back a sentence.*

BLANCHARD, M. L.; FALCETTI, C. **Poets for young adults: Their lives and works**. Edição Ilustrada. Westport, Connecticut, USA: Greenwood Publishing Group, 2007, p. 49.

CARVALHO, A. S. A. **Judith Ortiz Cofer e Call me María**: A diáspora porto-riquenha nos Estados Unidos. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Lisboa, Portugal.

COFER, J. O. Puerto Rican Literature in Georgia? An Interview with Judith Ortiz Cofer. Gambier, OH: 1992. **Kenyon Review**, v. 14, n. 4, 43-50. Entrevista concedida a Rafael Ocasio.

_____. A Melus Interview: Judith Ortiz Cofer. New York: 1993. **Melus**, v. 18, n. 3, 84-98. Entrevista concedida a Edna Acosta-Belén.

_____. An Interview with Judith Ortiz Cofer. **AWP Chronicle**, 1997, 1-9. Entrevista concedida a Stephanie Gordon. Disponível em: <www.uhu.es/antonia.dominguez/latinas/coferinterview5.pdf>. Acessado em: 13 de setembro de 2016.

_____. **Casa**: A Partial Remembrance of a Puerto Rican Childhood. In: RAZ, H.; FLAHERTY, K. **Best of Prairie Schooner**: Personal Essays. Nebraska: University of Nebraska Press, Lincoln and London, 2000, 66-70.

_____. **Call me María**. New York, USA: Scholastic, 2004, 129 p.

DAVIS, R. G. Metanarrative in Ethnic Autobiography for Children: Laurence Yep's "The Lost Garden" and Judith Ortiz Cofer's "Silent Dancing". **Melus**, Oxford University Press, v. 27, n. 2, 139-156, 2002.

GROSGOUEL, R. Puerto Ricans in the USA: a comparative approach. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 25, n. 2, 233-249, 1999. Disponível em: <<http://linkperiodicosapesgovbr>>. Acessado em: 20 de julho de 2016.

LEVI, P. Histórias Naturais. In: **71 contos de Primo Levi**. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, 18-25.

MAAS, W. P. **O Cânone Mínimo**: O Bildungsroman na História da Literatura. São Paulo: Unesp, 1999, 19-40. Disponível em: <<https://books.google.com.br/>>. Acessado em: 27 de junho de 2016.

MIRANDA, W. M. **Corpos escritos**: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. Belo Horizonte, MG: Edusp, UFMG, 1992, 25-42.

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos**: Ensaio sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: SBD-FFLCH-USP, 2000, 9-26.

SCHULZ, D. **East Harlem**: From Manhattan's First Little Italy to El Barrio to a Neighborhood on the Cusp of Gentrification. 2015. Disponível em: www.6sqft.com/east-harlem-from-manhattans-first-little-italy-to-el-barrio-to-a-neighborhood-on-the-cusp-of-gentrification/. Acessado em: 05 de abril de 2018.

SIEGLIN, V. ¿Reproduciendo o creando realidad? Un acercamiento a las metodologías cualitativas. In: **Modernización Rural y Devastación de la Cultura Tradicional Campesina**. Madrid: Plaza y Valdes, 2004, 97-122.

STAVANS, I. Spanglish: Tickling the Tongue. **World Literature Today**. Periódicos Capes, 555-558, 2000a. Disponível em: <<http://linkperiodicosapesgovbr>>. Acessado em: 11 de julho de 2016.

_____. The Gravitas of Spanglish. **The Chronicle of Higher Education**. Amherst, Periódicos Capes, 2000b. Disponível em: <<http://linkperiodicosapesgovbr>>. Acessado em: 10 de julho de 2016.

_____. Spanglish: The Making of a New American Language. New York: Rayo/Harper Collins, 2003. Resenha de: CASHMAN, Holly R. Chasqui, **Periódicos Capes**, v. 34, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://linkperiodicosapesgovbr>>. Acessado em: 11 de julho de 2016.

Recebido em: 19/04/2018

Aceito em: 17/07/2018